

## EXPEDIENTE.

A distribuição começa hoje quinta-feira ao meio dia; aos Srs. que, o mais tardar, quatro horas depois, a não tenham recebido, roga-se o obsequio de o participarem no escriptorio da REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE, rua dos Fanqueiros n.º 82 — 1.º andar, para se providenciar.

## CONHECIMENTOS UTEIS.

## PLANTAÇÃO DE AMOREIRAS.

2818 TINHAMOS dicto no artigo 2589 — « que, passado o praso das plantações, havíamos de publicar o que houvessemos colhido de exactas informações a este respeito, e com toda a imparcialidade e independencia applicando louvores aos dignos e censuras aos desleixados, que, por sua preguiça, se houvessem tornado complices da pobreza da sua terra. Para o que rogavamos aos Srs. *Tinelli* e *Sales*, como aquelles que mais tinham contribuido praticamente para a propagação das amoreiras, e a quaesquer outras pessoas, nos coadjuvassem para este fim com as suas informações. Por tal meio esperavamos poder apresentar, a seu tempo, uma relação do numero de amoreiras, postas de novo, por quem, e em que sitios; assim como calcular a quantidade do casulo, que viria ao mercado, que muito confiavamos no governo se haveria de promover pelo modo que deixáramos apontado no artigo 2562.»

Em satisfacção d'esta condicional promessa, não podemos ainda apresentar senão muito pouco, e eil-o aqui: —

No districto de *Lisboa*, mais amoreiras se plantaram n'este anno que nos precedentes, e muitas mais se houveram plantado, se a camara não tivesse deixado de as dar, pelas não ter, como ella propria declarou n'uma portaria.

Seja-nos licito observar-lhe aqui, que — tendo já nos precedentes annos confessado igual falta, devêra ter augmentado o seu viveiro do *Campo Grande*, como cumpria até para poder satisfazer ás repetidas ordens do governo.

O districto de *Aveiro*, consta-nos, que principalmente se distinguio na plantação de amoreiras.

De uma correspondencia entre o Sr. *Joaquim de Sequeira Moreira* d'aquella cidade e o nosso amigo, o *Tinelli*, sobre a industria seropédica se vê, — que muitas pessoas das maioraes da terra teem entrado desenganadamente n'este empenho, taes como, o Exm.º Bispo Eleito, o GOMES DO AVELLAR da norte do reino, como em uma sua carta nol-o chama discretamente o Sr. *Tinelli*; o governador civil, o Sr. *Betten-court*; o Sr. *Candido Xavier de Carvalho*, delegado do thesouro; o Sr. *Pedro Antonio Rebocho*, governador do forte da barra; o Sr. *João de Mello Freitas*, escrivão do juiz direito; o Sr. *Domingos dos Santos Barbosa Maya*, presidente da camara municipal; e outros respeitaveis empregados; merecendo particular e honrosa menção, o Sr. *Joaquim de Sequeira Moreira*: todos elles plantaram e concorreram para que se plantasse.

Em *Lamego* merece que o citeemos, como exemplo, o Sr. Dr. *José Victorino Freire Cardoso da Fonseca*.

Em *Coimbra*, o Sr. Dr. *M. Marques de Figueiredo*.

ABRIL — 11 — 1844.

Em *Villa-Real*, na quinta do *Sobral*, o rico proprietario e negociante inglez do Porto, o Sr. *Fladgate*.

Desde o anno passado teem não menos plantado um grande numero de amoreiras nas suas vastas quintas no districto do Porto, — os Srs.: conselheiro, *Antonio Dias de Oliveira*; *Manuel de Clamouse Browne*; *Brandão*; e *João de Albuquerque Forbes*.

No districto de *Villa-do-Conde*, o Sr. *João de Sousa Junior*.

O Sr. *Tinelli* concluiu a sua grandiosa plantação na terra, que arrendou, pertencas do extincto convento da *Serra-do-Pilar*. Esta plantação comprehende já 35 mil amoreiras *macrophyllas* de dois a tres annos; 40 mil *multicaules*: 4 mil *multicaules* e *macrophyllas* de alto porte: mil amoreiras de oito a dez palmos de altura e tres polegadas de grossura no meio da haste, muito valentes e de todas as variedades conhecidas; da *Carolina*, do *Piemonte*, de *Broussa*, do *Japão*, *Nervosa*, e brancas da *Lombardia*.

Muito será para sentir, se os vastos projectos do Sr. *Tinelli*, a respeito da creação e fabrico da seda em Portugal se malograrem por falta de despacho a um modesto e justissimo requerimento que elle ao governo dirigiu, e que nós publicámos no artigo 1740, ha já hoje, perto de dez mezes (!!!). Não supponmos que haja no governo falta de desejo para aproveitar uma tamanha fortuna, como o Sr. *Tinelli* nos queria e podia dar; e como elle mesmo já effectivamente introduzira nos *Estados-Unidos*. (\*) Multiplicidade e gravidade de outros negocios deve ter sido a causa unica, de se não haver ainda accedido um bem, que, a poder de diligencias e sacrificios se deveria solicitar, se elle mesmo se nos não tivesse vindo gratuitamente offerecer. Em nome do Publico, requeremos pois ao Exm.º Sr. Ministro do Reino o prompto e bom despacho d'esta petição, que menos o é, de um illustre e sabio estrangeiro, que da INDUSTRIA NACIONAL.

## CRIAÇÃO DOS BICHOS DA SEDA.

2819 SÔMOS entrados no tempo das creações; recommendamos aos possuidores d'amoreiras que aproveitem a folha, ou seja fazendo as creações por sua conta, ou dando-as de meias, a fim de principiarmos a ver resultados. Aos que intentarem de novo este util intertenimento, advertiremos o mais essencial d'este tracto.

Não se misturem no mesmo taboleiro os bichos nascidos em diversos dias.

Determinem-se-lhes as 3 ou 4 horas de comida por dia; nunca passem fome; nem pastem folha humida — conserve-se uma temperatura regular na caza em que se criam, governando-lhe os ventiladores para que uma constante e suave renovação d'ar purifique o da caza; — tenha-se e maior aceio nos taboleiros; — não se lhes mecha, nem se lhes dê abundancia da folha nas occasiões da muda: — preservem-se dos ratos, e de desassocego.

(\*) Veja-se o que no supracitado artigo d'este jornal historiamos acerca do Sr. *Tinelli*; e para acabar de conhecer a sua idoneidade, consulte-se o seu *Manual da Cultura da Seda*, de que ainda se acham á venda alguns exemplares no escriptorio da *Revista Universal*.

## PULVARINHA.

(Carta.)

2820 A sua Revista n.º 26, fez-me, com o seu artigo n.º 2674, resolver a escrever alguma coisa sobre a Pulvarinha; tudo quanto aquelle artigo resa será verdade, porém na parte que diz — *Os lavradores teem supportado este mal, sem curarem de o remediar: é o seu costume!* — permitta-me que lhe diga, que V. não faz justiça aos homens: elles não são idiotas, principalmente os que vivem propriamente no campo, pois que teem grandes lições d'economia rural, tanto theoricas como práticas, pelo que todos os annos, logo que apparecem os campos e as searas cobertas d'estes animaes, elles mandam benzer as cearas, e excomungar a maldicta pulvarinha, e fazem a sua promessa a N. S. da Esperança, etc. Não lhe quero aqui referir coisas que elles contam a favor, da sua mania, pois se lhes des-se ouvidos ás exaggerações sem fundamento, que elles contam, tinha materia vasta para encher grossos volumes: é preciso que lhe diga, que estes povos tudo suppoem, sendo bom, por milagre dos sanctos, e sendo máu por astucias de Satanaz. Á vista do referido, os homens devem-nos merecer outro conceito, pois não supportam este mal, sem o tractarem de o remediar como V. diz no supra citado artigo.

Não intendam os maliciosos, que eu não creio em milagres: creio, e algumas coisas tenho observado por estes campos, que só por milagre... Mas podem existir.....

No entanto abi lhe remetto uma cópia de um officio, em fórma de proposta, que eu n'este correio remetto á sociedade Pharmaceutica Lusitana, para V. inserir na sua Revista, e junctamente lhe mando uma pequena porção de pulvarinha, e de trigo ferido por ella, para V. fazer d'ella o uso que julgar conveniente.

Albandra 7 de março de 1844.

Lazaro Joaquim de Sousa Pereira.

N. B. Recebemos assim a pulvarinha como o trigo annunciados na carta supra. De tudo vamos remetter amostras á Universidade de Coimbra, e a uma distincta sociedade agronomica de França. A restante porção fica n'este escriptorio para se repartir por quaesquer naturalistas ou lavradores, que desejem investigar a natureza do mal e procurar remedio contra elle.

Segue-se o officio accusado na carta.

Ilm.ªs Senhoras. — Vendo eu, que na sessão da camara dos Srs. Deputados de 3 de janeiro ultimo, o Sr. deputado João Elias, requereu o convidar-se o governo para mandar examinar um mal, a que vulgarmente se chama a pulvarinha, e que ha annos tem infestado as cearas do Riba-Têjo, destruindo-as em grande parte, eu, natural d'uma das villas da margem direita do Têjo, e proximo ao local em que este mal tem feito os maiores estragos, julgo do meu dever, como socio d'essa Sociedade, que tenho a honra de ser, propor-lhe esta importantissima questão, para que a Sociedade, que tantos beneficios a muitos respeitoes tem feito ao nosso paiz, se esforce em procurar os meios de obviar o progresso de tão grande calamidade, no que seguramente fará um extraordinario serviço a uma das mais interessantes classes da nação portugueza. E para que parte dos trabalhos da sociedade, se possam fazer com o possivel conhecimento de causa, eu offereço certa porção de trigo,

(que remetto) das espigas feridas por este terrivel insecto a pulvarinha, e tambem alguns d'estes animaes, para que na presença d'ambas as coisas, a sociedade possa resolver como intender.

Permitta-me entretanto a Sociedade que eu faça algumas considerações sobre este assumpto, que merecerão a attenção da mesma Sociedade, não só porque se tracta de remediar os males causados a uma planta, cujos fructos fazem a primeira subsistencia dos povos, mas porque se concorre para beneficiar os proprietarios agricultores, cuja condição é a muitos respeitoes para lamentar, porque não lhes bastava que elles vissem suas cearas, muitas vezes, estruidas pelos muitos frios, muitas chuvas, ou falta d'ellas, pelas inundações dos rios, emfim pelas differentes occorrencias que os tempos produzem, não só ás cearas, mas aos seus gados, e infinitas outras contingencias bem sabidas, faltava-lhes ainda o apparecer-lhe um insecto d'uma propagação tão prodigiosa, que lhes devora suas cearas, e quasi que lh'as inutilisa, como a muitos tem acontecido.

Tenho tambem que notar á Sociedade, que este insecto antes dos ultimos 10 annos, só era conhecido nas terras chamadas — salgados — e não se observava nas outras: hoje porém por toda a parte elle apparece, e querem dizer os lavradores, que antes da companhia das lezirias, quando as pastagens eram mais livres, mais terreno se agricultava, e por conseguinte mais gado existia, não apparecia tanta pulvarinha n'estes ferteis campos, porque decisivamente este insecto, ou no estado de ovos ou de larva era mais destruido, ou porque se lavravam mais terras, ou porque maior abundancia de gados o pisavam e o destruiam.

Este insecto segue as differentes phases de todos os animaes d'esta classe; pois que em chegando ao seu estado perfeito, e depois de preencher a lei geral dos entes vivos, a propagação da especie, as femeas depositam os ovos que passam ao estado de larva, e finalmente com a primavera e verão passam outra vez ao estado d'animaes perfeitos. por isso por todo o outono, e inverno passam n'estes dois estados, d'ovos, e de larvas, por aquelles campos: mas logo que as cearas teem as espigas em leite, como vulgarmente se diz, uma alluvião d'estes insectos as ataca, e cobre muitas d'ellas, do que resulta, que o trigo, que depois se colhe, fica enfesado, como a amostra que remetto, incapaz de fazer bom pão, porque lhe falta muito amydo, e muito gluten, e além d'isto não é muito bom para semear, porque ainda que nasce, é preciso empregar o triplo, ou mais da semente, e além d'isto, os máus fructos não podem apparecer bons vegetaes.

Taes são os factos principaes de que eu posso dar conta a essa Sociedade. Reconheço que são insufficientes, mas a Sociedade com a sua illustração, poderá decidir, se será preciso entrar em novas investigações, para com mais perfeito conhecimento de causa, propôr os meios da extincção d'esta praga (1).

Antes porém de finalizar a minha proposta, permit-

(1) Emquanto a mim só me lembro de dois, que é offerecer um premio a quem mais moios d'ella apresentar nas villas para serem queimadas, ou queimar um anno todas as pastagens.

ta-me a sociedade, que eu lhe peça a attenção para uma importante questão d'agronomia, e talvez será a primeira para resolver, no presente assumpto, e é, *se estes animaes são a causa da destruição dos cereaes, ou se elles são o effeito do estado morboso do vegetal, que chame aquelles animaes a nutrirem-se de seus succos alterados.* Ora é bem verdade que os vegetaes teem muitos inimigos que concorrem para a sua destruição, tirados de muitas das classes zoologicas, em que os insectos não pouco figuram, e talvez o homem seja o seu maior destruidor; no entanto é tambem um facto, que os vegetaes são entes vivos, e por isso sujeitos a perder a saude, e a mesma vida, e a alguns vegetaes ha a quem se julgava muito nociva certa classe d'animaes, e depois se viu, que o mal não era por elles motivado; o mal estava no mesmo vegetal, tal é a nossa oliveira, e a sua ferrugem: julgava-se em outro tempo, e o asseveravam os escriptores d'economia rural, tanto nacionaes como estrangeiros, que esta era filha do *Coccus Olie*, mas o Sr. Dr. Soares Barboza demonstrou evidentemente, que a oliveira adoecia, e que n'este estado os seus succos eram muito apetecidos, e serviam d'alimento áquelle insecto. Não sei a influencia que este facto, e outros muitos, que poderia referir analogos a este, poderá ter, para a questão, de que tractamos, mas assim como ha insectos destruidores das arvores fructiferas, das hortas, dos cereaes etc., etc., tambem é preciso fixar bem a idéa de que os vegetaes teem molestias *sporadicis, endemicas e epidemicas*; para que em questões d'esta ordem, nós possamos bem averiguar os factos, e colher as devidas observações, para bem se resolver esta questão. é que a sujeito á illustração da Sociedade Pharmaceutica Lusitana.

Deus guarde a V. S.<sup>a</sup> — Albandra 8 de março de 1844. — Ilm.<sup>os</sup> Srs. Presidente e mais Membros da Sociedade Pharmaceutica Lusitana.

O Socio

Lazaro Joaquim de Sousa Pereira.

## VARIÉDADES.

### COMMEMORAÇÕES.

FR. THOMÉ DE JESUS.

11 DE ABRIL DE 1582.

2821 Fr. Thomé de Jesus, frade graciano, acompanhou a desastrosa expedição d'África, e foi um dos captivos pelos moiros e levado para as masmorras de Marrocos. Ahi escreveu elle uma excellente obra, tão rica de linguagem como de doutrina, não christã senão christianissima, e que bem pôde ser havida pelo nosso *Livre des Affligés*, que tamanha nomeada grangeou a M. Bargemout. *Trabalhos de Jesus*, se intitula, de que no reino se hão tirado varias edições, e os estranhos a tem traduzido, com muitos louvores.

O lér como aquelle pathetico escripto foi feito, segundo o proprio auctor confessa, é coisa de espantar e enternecer.

Para amostra, hasta este passo que vem em nota ao trab. 48. — «Compôl-o um dia, carregado de ferros, preso em uma casa tão escura, que para o escrever não teve mais luz, que a que lhe entrava por gretas da porta, da grossura de uma penna de gallinha, »

Tinha feito voto de não desamparar nenhum dos captivos que jaziam com elle no mesmo carcere, e assim o cumpriu heroicamente, enfeitando todas as offertas de resgate feitas pelos seus parentes.

Succumbiu n'este dia, com sós cincoenta annos de idade, e quatro de captiveiro.

A. da Silva Tullio.

### GOVERNO NAS MÃOS DO VILLÃO.

VII.

*Bigor.* — Póde haver maior pouca vergonha! Ajustando-se estão: ella pregaine certamente. Oh! zelos, que como cães damnados, me estaes atrassalhando o coração: eu estou feito um arenque de fumo; eu saio a embaraçar este damno, usando da minha jurisdicção. Quem está ali?

*Teat. Com. Portuguez.* — *Os Encantos de Merlin.* Acto 1.<sup>o</sup>, scen. 2.<sup>a</sup>

MÃO POR MÃO.

2822 N'AQUELLA infausta madrugada, em que passou a ensanguentada scena, de que fallei no terceiro capitulo, logo que o namorado Fernando foi arrojado á corrente do riacho, e que D. Anna e D. Helena foram condusidas pelo capellão aos seus aposentos, aquella, sossobrada de frágoas, esta, com os sentidos alienados, todos os criados e moços da caza, que haviam tomado parte n'aquelle drama fatal, foram convocados ao sôtam do seu maioral Rodrigues, que depois de assentado n'uma cadeira de braços e de haver dado quatro murros alentados sobre a *papeleira de pau preto*, em que tinha, a bem recado, os *títulos* mais valiosos da *Lobaria*, limpoa as góttas de suor, que pela enrugada testa lhe escorriam, e olhando para os seus humildes subditos com a feroz catadura de uma loba da Bohemia, ergueu-se e pronunciou estas palavras n'um tom sacudido e imperioso.

— O primeiro de *vóbcés*, ... e vejam lá se tomam bem sentido no que digo, — acrescentou elle com um movimento de cabeça ameaçador — o primeiro de *vóbcés* todos, que me abriu bócca ácerca do que se aqui passou esta noite ... ; intendem-me? o que me boquejar em semelhante coisa, abri-o de meio a meio, com aquella espada de meu defuncto amo, que Deus haja! ; ora pois, bico tapado! e andar!

Os criados saíram, fazendo-lhe uma *cortezia*, inclinados, como escravos, na presença de seu senhor; e Rodrigues aprestou-se, mandou montar a liteira, e sellar as cavalgaduras, e deu ordem a que se pozesse a caminho a cavalgada, que, atravessou n'esse mesmo dia pelo meio de *Seixas* fóra, com grande espanto de toda a gente d'aquellas ribeiras.

Ora a familia da *Lobaria* guardou religiosamente o segredo. Ou fosse porque lhe doía a honra e reputação da nobre menina, que tanto agrado e tão boa cara mostrava sempre a todos, ou, — o que, de certo é mais para acreditar — com receio de que o Sr. Lourenço Rodrigues, que não era para graças, cumprisse á risca o juramento, que fizera.

Ninguém fallou mais n'aquelle aventura, a não serem lá os de caza uns com os outros, — e isso muito baixinho, — e tirante aquelle pedreiro, que foi curar o dedo á botica de *Seixas*, que soubera tudo porque lh'o disse, em confidencia, a cosinheira, com quem andava de amóricos, e de quem se foi despedir antes

da sua partida para a cidade do Porto, onde ia trabalhar, a jornal, n'umas obras, — que o contou ao praticante, o qual o não repetiu, senão a Silvestre e seus filhos, porque se esqueceu logo d'isso no meio de seus estudos e experiencias, ninguém fallou mais n'aquella aventura, e o antigo e formoso solar da Lobaría, como corrido da offensa que ao seu brasão se lhe fizera, cobriu-se de lucto e de nójo, mais triste do que uma igreja do nosso Portugal velho, quando estava de trintaíro cerrado.

Já doze dias tinham decorrido, e nem uma só nova chegára ainda de D. Helena, nem do seu acompanhamento.

D. Anna, — ¡ coitadinha! — cortava o coração vèl-a; chorava desde pela manhã até á noite; e de noite não lograva sequer passar pelo somno. Passeava lastimando-se pelas nuas e abobadadas sallas, vazias de tudo o que ella mais estremecia, vazias da malograda filha, que assim quizera pisar aos pés o futuro glorioso, que se lhe preparava.

Conhecia, — bem conhecia, é verdade, — que a acção, que ella praticára fóra negra e vergonhosa: ¡ fallar a um homem de noite!... Jesus! nem pensar em tão feio crime! mas o amor de mãe, vinha-lhe adejar com as azas candidas por entre os seus mais lóbregos pensamentos, vinha roçar-lhe pelos ouvidos, vinha bater-lhe de leve ás portas do coração, fazendo-lhe retumbar lá no mais fundo do seu âmago uma palavra do céu, — o perdão.

E muito desejava ella perdoar-lhe; muito pedia aos sanctos da sua devoção, que lhe inspirassem um modo de poder sair-se de tal aperto; ¡ mas como? como havia de ser? ¡ e Rodrigues?... e seu feitor, que determinára o contrario?... ¡ Tudo estava perdido; tudo!

¡ Estranha lucta era a que se travára no peito da pobre mãe!

Era ao cair das trévas; sósinha, desajudada, sem uma consolação, que a alimentasse, e vendo-se como já sem recurso n'este mundo miseravel, intendeu a desventurada D. Anna, que só lhe restava um auxilio, — a oração.

Recolhida no côro da sua capella, ás escuras, que apenas um escasso lampêjo do crepusculo se entranhava, a custo, pela esguia e baça vidraça da fresta, — prostrada, com o rosto por terra, soltava, a espaços, umas vozes entrecortadas de suspiros, e queixas mui sentidas, vozes tão nascidas d'alma, que não podia deixar de ouvir-as o Redemptor dos homens lá no seu throno de misericordia:

— Meu Deus, — soluçava ella — meu senhor!... ¡ porque me roubastes a minha filha?... como consentistes em tal peccado?... meu senhor Jesus Christo... oh! restitui-m'a... só vos peço que m'a restituaes... perdoae-lhe, perdoae-lhe a sua culpa... oh! meu Deus do céu, pelo fêl e vinagre, que vos deram... pela vossa cruz, e... ¡ quem é? ¡ quem vem ahí? — atalhou, ella de repente, attentando n'um vulto, que abríra devagarinho a porta do côro, e que se vinha approximando lentamente, — ¡ quem é? —

— Sou eu. —

— ¡ Ah! és tu, Margarida! —

E era ella, era a velha Margarida, que vendo sua infeliz senhora n'aquelle estado, chegou-se a ella, e abraçou-a. ¡ Oh! e mui suave abraço foi esse, pois que suas almas se intederam n'aquella mudez

solemne: compreenderam-se, e confundidas se prantearam.

— Ora pois então, minha rica senhora, — disse a boa e virtuosa da criada — isso não é assim. Não se esteja a affligir por tal fórma... ¡ quer matar-se?... ¡ quer matar-se por suas proprias mãos? —

A viuva de Bartholomeu da Cunha, perguntou-lhe passado um breve espaço:

— ¡ E que é o que tu me querias? —

— Vinha dar-lhe parte... —

— ¡ De quê? —

— De que está lá fóra um homem... —

— E d'onde vem elle? — acudiu vivamente D. Anna, pondo-se a pé de um salto, como tocada da electricidade.

— Eu não sei, minha senhora, mas diz elle que muito carece de lhe fallar, e que lhe ha-de fallar já e já, por força. —

— Ah! Deus queira que me traga novas, que me deem algum alivio — reflectiu comsigo mesma a amargurada senhora, e endereçando-se para a sala dos damascos, ordenou á criada que o fizesse entrar para alli sem demora.

Talvez que os meus leitores se persuadam que o pobre pescador tobarão das mugens, — porque estou certissimo que lhes não ha-de ficar, nem a mais ligeira duvida de que não era outro o desconhecido, que se affoitava a procurar a taes deshoras a senhora da Lobaría, — talvez pensem que elle se acanharía ao vêr-se assim introduzido n'uma casa, como nunca vira outra em sua vida, n'uma casa tão garrida e bem armada, como estava a igreja de S. Pedro de Seixas, no dia em que a visitou o seu commendador, o conde de S. Vicente... pois, meus senhores, de claro-lhes que se tal cuidaram, fizeram muito injusto conceito do brioso e leal tobarão das mugens, que entrou por alli dentro tão fresco e desassombrado, quanto estava tranquilla a sua consciencia. Dirigiu-se para a mãe de D. Helena, sem fazer cabedal do que o rodeava, e cortejou-a tosca, mas affavelmente.

— Tenha vossa senhoria muito boas noites. —

— As mesmas tenha, irmão. — Correspondeu D. Anna, que, como já dissémos algures, era charitativa a valer; e quando não vinha a pello a pureza da sua genealogia, accreditava piamente que todos nós somos filhos de Adão e Eva.

— ¡ Então que o traz a procurar-me?

— Eu... — resmungou elle, e calou-se, lançando uma vista de desconfiança para Margarida, que intromettida e curiosa, — claro está que o havia de ser, — tinha aproveitado a occasião de o acompanhar, para ver se podia aventar o singular motivo, que o alli conduzia. D. Anna, que comprehendêra o receio de Tobarão, fez signal á criada que se retirasse, — que saíu levada da trúpia e perra, como uma gata assanhada, — e interrogou de novo o manébo:

— Já estamos sós: ¡ que tens a dizer-me?

— O que eu tenho a dizer-lhe, Sr.<sup>a</sup> Fidalga, — principiou finalmente o rapaz, estudando a maneira mais eloquente e cortezã de se expressar, — o que eu tenho a dizer-lhe... é uma coisa, que não é para... emfim, é uma coisa muito séria.

— Avie-se, homem, avie-se.

— Eu vou, minha Senhora. Ora tome V. S.<sup>a</sup> senti-

do: de sorte que eu e meu pae... sim, somos uns probes de Christo, que vivemos n'uma cazita em Seixas, do que pescamos com as nossas redinhas... e vae, faça V. S.<sup>a</sup> de conta, que uma noite... ha-de haver... espere, deixe-me cá scismar n'isto: ha-de haver... quatro e quatro oito, com mais... ah! sim: ha-de fazer, ao certo, treze noites, que...

— ; Treze noites!! — contestou D. Anna, como fulminada de uma recordação dolorosa — ; treze noites!! e quem é você?

— Sou quem já disse a V. S.<sup>a</sup>: sou um pescador, que tracto da minha vida, e que pescando aqui perto do regato, que corre lá para o rio, n'uma noite... e por signal que fazia escuro, como um prégo, — fui a tirar a rede, e topei... topei...

— ; Com o quê?

— Com um homem.

— ; Com um homem?! — accudiu ella, pálida como uma cidra.

— Com um homem todo escorrendo sangue, e chagado como o martle S. Sebastião. E estes bellos feitos, Fidalga, fizeram-lhe os criados de V. S.<sup>a</sup>, porque elle era...

— Cale-se, cale-se, pelas almas da sua obrigação.

Pedro, fingindo não ter ouvido, proseguiu com voz mais firme:

— Porque elle era o amante da morgada d'esta caza.

— Jesus! — exclamou ella, apertando as mãos na cabeça.

Houve um instante de calada profunda, em que ambos estavam immoveis, em frente um do outro, como as estatuas de dois mausoleus de marmore.

O pescador tentou então combater o ânimo da orgulhosa senhora pela parte que mais lhe pareceu ser pugnável; e abrandando o seu tom de repreensão amarga, começou a pedir-lhe e a ponderar-lhe com muita brandura:

— ; E V. S.<sup>a</sup> ha-de assim querer dar cabo de sua filha, minha Senhora? de sua filha unica?... ; ah! pelo amor de Deus, pelas dores da Virgem Sanctissima que não faça tal. E além do quê, aquelle mocinho é honrado e capaz como se quer; já agora não tem remedio... vamos... caze-a com elle.

— ; Cazal-a com elle?! — respondeu D. Anna, cujo orgulho aristocratico estava a tractos, ao mesmo tempo que em sua alma iam callando mansamente as razões do *advogado* de Fernando. — ; Cazal-a com elle?!

— Sim, Senhora; e saiba V. S.<sup>a</sup> que elle é fidalgo...

— ; E' fidalgo!!

— Tão fidalgo como sua filha.

Um sorriso de incredulidade volteou pelos labios da viuva da *Lobaria*, que depois de reflexionar alguns minutos, se resolveu enfim a ceder e a sacrificar tudo á dita da sua Helena.

— ; E onde está esse homem? — perguntou ella a *Tobarão*.

— Em nossa caza, Senhora, — lhe tornou este, — e se V. S.<sup>a</sup> quer...

Um confuso tropear de cavallos e gritar de gente veio cortar esta prática tão interessante, e Lourenço Rodrigues, que acabava de chegar com o padre Bernardo, e com os criados, franziu o reposteiro da porta da sala, e sem cumprimentar a sua ama, volveu para o desconhecido um olhar de *Lady Macbeth*.

D. Anna alevantou-se da sua cadeira estofada, e exclamou:

— Rodrigues! — Porém como visse que elle se conservava mudo e quèdo, e intendesse cabalmente o motivo d'aquelle procedimento, voltou-se pra o pescador, e pediu-lhe com a cortezia, de que sempre usava, que fizesse o favor de retirar-se, enquanto ella dava duas palavras ao seu *escudeiro*.

*Tobarão* tambem lhe quiz mostrar que sabia haver-se com urbanidade. Saíu promptamente, mas recommendando-lhe que se não esquecesse da resposta.

Rodrigues ficou só com ella; aproximou-se mais alguns passos, e limitou-se a cortejar-a mui laconicamente. Quem sabe? talvez para lhe impôr respeito. E impunha-lh'o, ; caso admiravel! e tanto, que D. Anna encolhia-se na sua presença, como réo perante o juiz, que vae condemnal-o.

— ; Então, como ficou... minha filha? — ousou ella de lhe perguntar.

— Bôa — volveu Rodrigues sêccamente.

— ; E minha cunhada? —

— Tambem. Mas vamos a saber, senhora; que diabo de estafêrmo é este, com que eu vim dar agora aqui? ; que negocios tem vossa senhoria com elle? ; dar-se-ha caso que tenhamos feitor novo? se assim é, então..... —

Esta forte e pouco parlamentar interpellação fez côrrar as faces da pusilanime e sopeada senhora, que desatou a tremer, como varas verdes. O habil e manhoso criado conseguiu completamente o seu intento por este meio, pois que as phrases de *Tobarão das mungens*, e tudo, tudo lhe foi repetido *tim tim*, por *tim tim*, pela assustada D. Anna, que bem procurava descobrir-lhe nos olhos um vislumbre de benevolencia, para lhe confiar as suas frágoas, e pedir-lhe *licença* para as remediar a todo o custo, mas elle... elle... sim... não lhe dava resposta, nem mesmo parecia attendê-la, por estar como todo embebido n'um projecto, que traçava e concertava.

Ella esperou, tornou a esperar... mas nada: nem palavra. Lembrou-se então d'aquelle nosso *discreto* adagio de Bento Pereira, que *quem cala, consente*; offereceu a Deus no seu coração o tormentoso sacrificio, a que se votava, encheu-se de ânimo e de resolução e disse-lhe positivamente:

— Rodrigues, eu estou decidida: minha filha está desacreditada: o rapaz, consta-me que é nobre. —

— ; O rapaz?!... ; pois elle escapou?... — atalhou Rodrigues, arrancando-se á sua problematica meditação.

— Escapou. —

— ; Fernando?!... —

— Sim; elle. —

— ; E como sabe vossa senhoria?... —

— Sei... que é vivo. —

— ; E aonde pára?

— Aonde?... em casa d'esse pescador, que allí está dentro. —

— ; Tresentos milheiros de diabos! — praguejou o atrevido feitor, arrepellando as barbas, e estopentando a cabelleira.

D. Anna muniu-se de todo o seu valor para conservar a sua dignidade, e foi por diante na sua idéa:

— Elle... é nobre; tanto como D. Helena da Cunha... isso, ; mal peccado! mas assim como as-

sim, por credito, e até mesmo em consciencia. . . O mal está feito, e está: é preciso pôr-lhe um côbro, e emfim. . . —

—; Emfim o quê?

—; Emfim. . . vou casal-os, Rodrigues. —

— Agora essa! . . . —

Ficaram outra vez ambos mergulhados n'um prolongado silencio. O *escudeiro* olhava de quando em quando para o floreado tecto da sala, e calculava, e ordenava o seu plano, que com aquella inesperada declaração ia porventura tomar um aspecto totalmente diverso.

D. Anna já cansada de aguardar, fallou-lhe com muito bom modo:

—; Então que diz você. . . que me diz? —

Rodrigues fez dois meneios de cabeça; morden os beiços distraidamente, desceu, para infundir respeito, uma viseira de arrogancia pelo rosto, que era feio, como um bóde, e deu comêço á sua *parlenda* pelo theor seguinte:

— V. S.<sup>a</sup> sabe muito bem que a sorte d'este nobre *solar*. . . e a sua propria sorte, Fidalga, as tenho eu aqui fechadas n'esta mão. —

—; A minha sorte, Rodrigues!! —

— É como lh'o digo; e quizera eu! os *titulos* de suas *demandas*, as *instituições* de seus *vinculos* e *capellas* estão fechadas á chave por mim; e essa chave. . . tenho-a aqui na minha algibeira, e ninguem será capaz de m'a arrebatara.

A malfadada senhora encolheu tristemente os hombros, suspirou.

— Vossa senhoria bem sabe, — continuou elle — como seu marido — o fidalgo — me tractava: encarregou-me o governo d'esta casa á hora da sua morte, e por isso tudo o que agora se fizer, ha-de ser querendo eu, senão. . . É verêmos, verêmos. . . mas vamos a concluir com isto, senhora: ninguem nos ouve: estamos sós: e por conseguinte posso affiançar-lhe que o casamento, que me propoem, só se fará se. . .

—; Que é mistér que eu sacrifique para isso, Rodrigues?

— Póde-se tudo arraujar com uma condição.

—; Qual? —

— É uma condição, que eu cá sei. —

D. Anna deslembrou-se então de que era neta de uma *acafata*, apenas se recordou que era mãe; e teve a baixêsa, teve a. . . — não sei que lhe ei-de chamar — de se lançar de rojo aos pés do *escudeiro*, pedindo-lhe, por quanto havia, que annuisse, que consentisse:

— Diga, Rodrigues, diga o que pertende de mim: falle, acabe. . .

— Pois n'uma palavra, senhora — lhe tornou elle alevantando-a — a condição, que de vossa senhoria exijo, é, que em paga do meu consentimento, eu seja desde hoje. . . O senhor verdadeiro da *Lobarria*.

—; E não o é você já? —

— V. S.<sup>a</sup> não me entende, ou finge que me não entende. D. Helena casará lá com o seu amado, se sua mãe D. Anna de Amorim casar comigo.

—; Casar consigo?! — bradou ella recuando.

— É mão por mão — lhe respondeu friamente o ambicioso *feitor*.

— Jesus, Senhor! — considerou a illustre viuva horrorisada.

— Mão, por mão. — repetiu elle com toda a sua fleugma — se quer assim. . .

— Pois quero, quero.

O amor de mãe venceu e postergou tudo n'aquelle coração de pomba.

— Minha filha será esposa de. . .

— Mão por mão, e estamos arranjados.

— Sim — balbuciou D. Anna.

Rodrigues, do bolso o seu tinteiro de *tartaruga* torneado, e apresentou-lhe um papel, e penna:

— Eu não me contento só com palavriados; quero documentos: para o nosso contracto ser *válido*, ha-de V. S.<sup>a</sup> assignar aqui. — e indicava-lhe o lugar, gar, em que devia assellar com seu nome tão vilã e asquerosa mancha na sua *arvore de geração*.

Logo que ella acabou de assignar, com tal desacôrdo, que nem atinava com o que escrevia, cahio assombrada sobre a cadeira.

O criado fêz-lhe uma *vénia* de reconhecimento, acompanhada de uma alegria triumphante e insultadôra, e acercando-se da porta, porque o pescador havia sabido, chamou-o, e introduziu-o, de novo, á presença da sua *desposada*.

—; E a resposta, minha senhora? — lhe perguntou Pedro, mal entrou na salla.

— A resposta? . . . eu lh'a dou. — Disse D. Anna, e pedindo a Rodrigues papel e tinta, escreveu duas lettras n'uma carta, que fechou, e entregou ao moço de Seixas, acrescentando com uma voz enfraquecida:

— Tome; ahí tem; vaç servindo: o seu amigo. . . ha-de ser, em breve, meu genro.

*Tubarão das mugens* caiu de joelhos, agradecendo-lhe e beijando-lhe as mãos, todo banhado de prazer. Ella engulia os soluços, e arquejava de opprimida; e Rodrigues. . . . immovel, e com os braços crusados, sorria-se horrivel e sardonicamente.

Era um *triangulo* de contraposições; um *grupo* digno de um drama de Victor-Húgo.

Pedro alevantou-se, pouco depois, e foi levar a Fernando a feliz nova. E o *escudeiro*, despedindo-se da sua noiva, baixou ao pateo, e cavalgou n'uma das mulas da *parélha*, que ainda estava suada, e cansada do caminho.

—; Aonde iria elle, assim de noite, e com tal açodamento! . . .

—; Aonde iria?

Ninguem o soube.

A. Pereira da Cunha.

(Continuar-se-ha.)

## AINDA SOBRE A ORAÇÃO DO CRISTÃO.

(Carta.)

2823 ILLM.<sup>o</sup> SR. — Emquanto eu não soube, quem era o auctor dos tres artigos anonymos, (a) que appareceram na *Revista Universal*, contra o que eu publicára sobre a *Oração do Christão*; pedia a minha honra, que eu os qualificasse aos olhos do Publico pelo que elles eram no tribunal da minha consciencia, onde, á vista de tão graves accusações; eu me apre-

(a) N'um jornal, cujo principal redactor se nomea e assigna, nada ha anonymo. *Da Redacção.*

sentei como réo: e adquirindo a convicção de que nos primeiros cinco capitulos o meu accusador se contradizia, reconhecendo a catholicidade na doutrina que n'elles tachára de erronea: e que, quanto aos outros cinco monstruosos erros, não só não existiam no meu artigo, nem d'elle se podiam deduzir, mas até o meu censor não tinha podido indicar, d'onde ou como d'alli os tinha deduzido; concluí, que o complexo d'aquelles artigos constituia o que os Jurisconsultos chamam libello famoso, porque o seu natural effeito é denegrir a reputação da pessoa a quem taes factos ou dictos se attribuem. E como aquelle libello vinha redigido com tal arte que, apezar de se não citar passagem alguma do meu artigo para aquelles capitulos, os leitores deviam presuppôr que elles eram d'alli extrahidos; e que, á vista dos subidos elogios que se davam á intelligencia do auctor, era impossível que tão enormes erros não fossem por elle escriptos com plena sciencia e consciencia; dei áquelle refalsado modo de argumentar o nome, que lhe cabia, de libello desleal e calumnioso.

Mas hoje que V. se declara como auctor d'aquelles artigos, o alto conceito que eu faço do seu honrado character, me leva a retractar, com summa satisfacção, aquelle meu juízo; e não hesito em acreditar, que aquella acerba critica foi effeito de uma fatal, e, para mim, inexplicavel illusão de V.

Mas, depois de assim fazer justiça ás intenções, com que folgo de acreditar, que V. andou a meu respeito; peço licença para repellir a maneira como V. corresponde á minha justa requisição, dirigida a quem quer que fosse o auctor d'aquelles artigos, para que me apontasse as passagens, phrases e palavras, d'onde elle deduzira as cinco ultimas impias e absurdas doutrinas que, sem citação alguma do meu artigo, elle me attribuia; pois que a demonstração da boa doutrina opposta fazia o assumpto de tres quartas partes d'aquella Memoria intitulada refutação do meu artigo. (\*)

V. emvez de annuir a um tão justo pedido, requinta na escolha dos termos infamatorios, asseverando que no meu artigo se acham todos os *sophismas dos chamados espiritos fortes e que pullulam logicamente nos theologicos aphorismos de que o dicto meu artigo se compõe*: e com hyperbolica exaggeração affirma que *toda a parte sã do Publico, tem tomado parte n'esta questão; e que a todos pareceram aquelles erros consequencia da minha doutrina.*

¿Onde, quando, e porque meios consultou V. a parte sã do publico? ¿Como lhe constou o unanime juizo que V. tão decididamente assevera que todos fizeram do que V. mesmo não atina com passagem alguma, que possa citar, nem mesmo, com o principio d'onde visse pullular um só d'aquelles absurdos, que lhe aprouve imputar-me?

¿Mas como corresponde V. á minha justa requisição de me apontar precisamente as passagens, phra-

(\*) Fazendo este pedido ao meu docto consor, lembrei-lhe ser esse o dever dos homens de bem. V. entendeu (não sei porquê) que eu queria com isto dizer que elle era homem de não bem (Rev. Univ. n.º 32, pag. 387, nota 22). Perdê-me V.; bem longe de eu dirigir ao meu docto adversario uma tal injuria, dava-lhe a opção entre o partido dos homens de bem demonstrando a justiça das suas accusações tão clara como a luz do dia; ou o contrario, recusando-se a fazel-o.

ses e palavras, d'onde visse pullular aquelles ultimos cinco erros? Eis-aqui a resposta de V.

1.º Concluimos respondendo a esta formal e peremptoria citação com outra citação igualmente formal e igualmente peremptoria; a saber: Que eu declare, se ainda intendo, que orar é synonymo de adorar: sim ou não. (Rev. Univ. n.º 32, pag. 388 §. Conclusão.)

Deixando ao publico avaliar este modo de responder á minha requisição, a seu tempo satisfarei a este desejo de V.

2.º Achámos extraordinaria que se nos queira tão rigorosamente penhorar por uma divida que não contrahimos. (Rev. Univ. n.º 32, pag. 386, not. 17.)

Esta resposta equival a dizer: *Eu sómente me incumbi de diffamar; mas não contrahi a obrigação de apresentar as provas dos artigos da diffamação.* (b)

Deixo tambem ao publico o cuidado de qualificar esta resposta; e abstenho-me de fazer a esse respeito a menor reflexão.

Deus guarde a V. Lisboa 1 de abril de 1844.

De V.

Att.º Ven.º e muito obrigado

Silvestre Pinheiro-Ferreira.

(b) S. Ex.ª sabe perfeitamente — que esta expressão é tão descabida como ignobil — ¿Diffamar? — Se nós difamámos a S. Ex.ª sem tocar na sua vida privada ou publica, sem nos referirmos á sua pessoa senão para a elogiarmos, sem citarmos conversação, nem correspondencia particular sua, mas, simples e unicamente, imprimindo e reimprimindo o que S. Ex.ª publicára com o seu nome no jornal, *O Christianismo*; e commentando-o (não sabemos se bem se mal), mas commentando-o só pelo que alli era expresso, ou pelo que d'alli nos parecia dever logicamente inferir-se, — como difamámos?! ¿¿ como difamámos nós?! — Se difamação houve, o difamador de S. Ex.ª foi S. Ex.ª mesmo, pois que se affronta de lhe disermos, — que publicou o que elle não póde negar que publicou.

Pedimos a S. Ex.ª que, por interesse dos seus numerosos discipulos, não torne a auctorisar com o seu exemplo este desgraçado systema de argumentar. Rações claras e chãs, como as nós expuzemos respeitadamente, não se invalidam, nem com subtilesas e distincções chiméricas, nem, e muito menos, com improperios. A qualquer d'estas armas só recorre quem já desesperou de poder defender-se. E' o salto dos *arcos das aguas livres* na dialectica. — Deploramos que um intendimento como o de S. Ex.ª (não infallivel, que os não ha) mas tão perspicaz, esteja offerecendo sob o influxo de uma paixão que visivelmente o aliena, um spectaculo tão pouco digno. — Não. — Nós não difamámos, nem já mais difamaremos a S. Ex.ª, ou a quem quer que seja. — Temol-o por um homem profundo e de conhecimentos vastos: — confessámo-lo, e folgamos de confessal-o, — mas não cremos na sua inerrancia. Persuadimo-nos que póde errar, e que erra até na sciencia de sua particular applicação, quanto mais nas que lhe são estranhas; e quando julgamos havel-o descoberto, dizemos-lh'o modestamente; ousamos criticar a S. Ex.ª como S. Ex.ª ousou criticar a Chateaubriand, — porque já hoje na Europa analysar não é synonymo de adorar.

Da Redacção.

**SOBRE A CARTA PRECEDENTE.**

2824 REFUTAR sem pertinacia; ser refutado sem ira: — era o timbre de Cicero: devêra-o ser de todos: — forcejaremos porque seja sempre o nosso.

Dizemos sempre, comedido mas positivamente, quanto bem e mal se nos figura haver nos impressos de inimigos, de inferiores, de amigos ou de mestres: acceitamos-lhes depois as suas respostas, contrapesâmol-as com os nossos primeiros dictos, e vemos que ellas preponderam, toda a nossa satisfação e vaidade consiste então em confessal-o: no caso contrario, o excesso de generosidade seria excesso de vilesa, porque dando do nosso credito, dariamos tambem dos interesses da verdade: — o que nem o publico, nem nós mesmos nos perdoariamos.

Estampando pois a precedente carta do Exm.<sup>o</sup> Sr. Silvestre Pinheiro-Ferreira, que menos é resposta do que promessa de resposta, e que toda versa sobre incidentes (pela maior parte escusadíssimos), tivemos por desnecessario acompanhá-la passo a passo de notas como fizemos á penultima; porque a refutação de tudo isto, já abundante e talvez superabundantemente, se achava por nós exarada n'este jornal — assim nos nossos artigos, como no proprio de S. Ex.<sup>a</sup>, por nós, *libellistas*, duas vezes reimpresso textualmente.

— Quanto á pergunta que S. Ex.<sup>a</sup> nos dirige, *como podemos conhecer a opinião publica* faz-nos ella lembrar aquell'outra de Pilatos *quid est veritas?* a que J. C. não respondeu: permita-nos S. Ex.<sup>a</sup> imitarmos ao menos n'esta parte a J. C.

Visto como S. Ex.<sup>a</sup> tenciona sustentar a doutrina do seu artigo e provar-nos que *orar e adorar são expressões synonymas*, rogamos-lhe que, por essa occasião, nos explique tambem outro ponto do mesmo seu artigo, em que de propósito não quizeramos ainda tocar.

Disse S. Ex.<sup>a</sup> — que J. C. nos recommendou que orassemos *para não cairmos no peccado da soberba*. E' esta outra limitação que igualmente nos parece inadmissivel, porque a avaresa, a luxuria, a ira, a gula, a inveja e a preguiça não são a soberba, nem menos mortaes peccados que a soberba; e em todos estes seis nos póde a tentação fazer cair. N'aquelle mesmo unico texto, de que S. Ex.<sup>a</sup> fabricou toda a sua theoria theologica, *vigiae e orae para não entrades em tentação*, acharia S. Ex.<sup>a</sup> a prova do seu engano, se emvez de tomar taes palavras só per si, as tivesse interpretado pelas antecedentes; porque eis-aqui o lance, em que o Redemptor as proferiu: na tormentosa noite em que havia de ser preso, affastando-se um pouco de seus apóstolos para orar, tinhalhes recommendado que vellassem: quando porém se tornou a elles, achou-os adormecidos e foi então que lhes endereçou essa memoravel sentença, *vigiae e orae para que não entreis em tentação, porque o espirito é prompto mas a carne é fraca*.

¿ A tentação que então os ameaçava seria porventura a da soberba? ¿ que soberba?! Pelo contrario era a da preguiça, da pusilanimidade. ¿ Seguir-se-ha porém d'isto que só da tentação da preguiça nos livre a oração? — outro absurdo seria o affirmal-o.

Argumentar por um texto ou um passo especial das Escripturas, sem attenção a todos os outros textos e passos d'ellas e ao seu geral espirito, é o modo mais seguro de errar. A oração não livra pois só da preguiça,

nem só da soberba; mas de todo e qualquer genero de peccado. Assim termina a oração dominical *libera nos a malo*, palavras que nós em nosso uso quotidiano, muito bem traduzimos em est'outras *livrae-nos DE TODO O MAL*.

Em summa: queira S. Ex.<sup>a</sup> concíliar-nos a sua asserção com este texto de S. João: —

« Não queiraes amar o mundo, nem as coisas que ha n' elle. No afferrado ao mundo não se acha o amor do eterno padre: »

« Porque tudo o que no mundo ha, é ou concupiscencia da carne, ou concupiscencia dos olhos, ou soberba. »

## NOTICIAS.

### BAILE DE MASCARAS.

2825 No sabbado de Alleluia teve o theatro de S. Carlos o que já no meio da quaresma havia, baldadamente, sollicitado, — um baile de mascarar. O carnaval, transplantado para o fecho da quaresma, entalado entre a sexta-feira sancta e o domingo da resurreição, como um bobo entre duas personagens graves, tem o que quer que seja de tão impertinente e parvo, que ainda aos que d'isso não sabem dar razão, repugna estranhamente.

Não discorremos aqui pelas cabeças dos theologos: não nos referimos ao que sobre mascarados e mascaradas, diz o Deuteronomio; não citamos o concilio de Auxerre, que prohibia aos christãos esta soltura perigosa dos gentios, nem um antigo penitencial romano, que impunha tres annos de penitencia ao christão que em tal caisse; tão pouco addusiremos as opiniões formaes e unanimes de todos os moralistas religiosos contra este costume, condemnado igualmente pela philosophia e pelo simples bom senso como coisa de nenhum proveito, e de muitos e muito grandes perigos para os costumes, credito e socego dos individuos e das familias. Diremos só — que, semsabores até no entrudo os nossos bailes de mascarar pela sua total carencia de chiste e vivacidade, dentro ainda da SEMANA MAIOR se tornam dobradamente deslavados e desenxabidos; e tanto, como diziamos, se conforma isto com as idéas de todos, que — a maior parte dos camarotes ficou vazia, e a salla apenas recebeu algumas duzias de disfarçados, entre os quaes appareceu um em fralda de camisa, que a policia mandou logo sair, outro vestido de frade, que a policia deixou andar pulando toda a noite. A chamada função acabou, por somno dos espectadores, muito mais cedo que o costume.

Não aconselhamos a empresarios, que repitam a experiencia: o de que alli se goza não val a pena da irreverencia religiosa, e de um attentado flagrante contra o bom gosto.

### REQUINTE DE VANDALISMO.

2826 Não fallo da inscripção importante, que por desleixo se apagára; — da igreja que se destruiu para alinhar uma rua, ou fazer um largo; — do marmore rico que se branquêa para fingir de argamassa; — ou da casa que desaba por falta de reparos; trata-se de coisa peor, e porventura nova em annaes de destruição: — de se ir de propósito destelhar um bello e grande edificio nacional, para assim antecipar e promover a sua quêda. É isto o que hoje se vê pra-

ticado na antiga casa do Real Collegio Militar, no sitio da *Luz*, a uma legua de Lisboa; e é a isto que nós chamamos — *requinte de vandalismo*.

Houve, diz-se, tenções de fazer obras no edificio; e pelo que parece foi para melhor conhecerem do seu estado de ruina, que o destelharam em varios pontos. Já havia orçamento, (e n'isso somos nós fortes;) fallava-se até em grande partido d'operarios, que iriam dentro em pouco dar começo á obra; tudo emfim chegou a annunciar novas grandezas e séculos de duração ao magnifico edificio. Tudo, porém, parou em palavras, e a duração, transformou-se em destruição; pois não só destelharam, mas nem se dêram ao trabalho de pôr, sequer da valadío, a parte descoberta: deixaram as telhas em monte aqui e além; por modo que a chuva entra em torrentes; vão apodrecendo rapidamente os madeiramentos; n'uma palavra; vae-se arrasando o edificio antes de tempo.

O facto por nós apontado observámo-lo, indo ha dias de passeio á *Luz*; e, sinceramente o dizemos, não foi sem profunda commoção. Tinhamos razão para isso, e razão a dobrar: não era só a indignação que, sentiamos como portuguezes, vendo malbaratar assim nossas riquezas e glorias; era amor á caza, conhecida por nós aos 10 annos, e onde vivemos até os 16; onde não ha sitio, onde não ha pédra, onde não ha cantinho, que não tenhamos de cór; á caza cuja planta e alçado nos andam para assim dizer constantemente riscados na idéa, e d'involta, tanta recordação de respeito, de gratidão, e de saudade, que são como a memória descriptiva d'aquelles desenhos, e que d'esta arte completam e realçam o quadro de sensações agradaveis, sempre que ouvimos o nome d'aquelle edificio.

Para nos condoermos havia, já se vê, motivos fortes; releve-se-nos pois este desafôgo; que por desafôgo só damos o nosso artigo. Oxalá que nol-o quizessem accoitar como requerimento a bem da pédra e cal, que podem servir, mas não podem queixar-se.

¿ Deferil-o-hão!

¿ Tantas boas súplicas teem por ahificado sem despacho! . . .

J. da C. Cascaes.

### MACRÓBIO.

(Carta.)

2827 DOMINGOS José de Sousa por (alcunha o *murcella*) morador n'esta cidade, completou cento e um annos, em 16 de setembro ultimo. Duas vezes foi casado; com a primeira mulher um anno; e 68 com a segunda, de quem teve 13 filhos. Ora militar, ora almocreve, nunca teve grande regularidade de vida: bebia agua-ardente tão sem conta, que até esteve hydropico. Deixou-se d'este espirito e voltou-se ao vinho, de que uma vez bebeu em certa sucia seis canadas, sem se dar por achado. Na artilheria d'esta cidade, serviu 25 annos 8 mezes e 15 dias. Viu lancar os primeiros fundamentos do forte de Lippe. Vê ainda bem, anda com desembaraço, e conversa com acêrto.

Do que acima disse se póde concluir, que em alimentos não fazia escolha.

Elvas 23 de março de 1844.

De V. etc.

### CONJUGICIDIO.

(Carta)

2828 No DIA 24 do corrente pelas 6 horas da manhã, um soldado d'infanteria n.º 4, por alcunha o *nico*, tendo apunhalado a sua mulher, a quem deixou por morta; dirigiu-se logo ao forte de N. S. da Graça, com o intento d'assassinar um cabo do dicto regimento, alli destacado, que elle diz haver-lh'a desencaminhado: quando porém chegava, foi preso, porque já outra mulher, ida da cidade, tinha espalhado a noticia d'aquelle acontecimento. A victima foi conduzida ao hospital da Misericordia, aonde se acha e julga-se que não escapará.

É esta a terceira mulher que tem desposado, e se ás outras duas não aconteceu o mesmo, pouco melhor tracto lhes deu, porque é voz geral que lhes abreviou os dias da vida.

De V. etc.

Elvas 29 de março 1844.

### UMA VIRGEM JOGADA AOS DADOS.

(Carta.)

2829 RIFA-SE a honra de uma filha, como se rifa um dogue — ; a moeda cada bilhete! ; e ha compradores!

Ha n'uma das ruas d'esta capital uma, fa-lhe chamando mãe, uma fera que está pondo em almoeda uma filha de quinze annos, rica de innocencia e de belleza.

Levante a *Revista* seu brado contra este horror; evite que se elle commetta, despertando a acção da justiça, que não será surda. Faça a *Revista* ao seu paiz mais este serviço, e continuará a ser tida em conta de um jornal, promotor da felicidade publica.

Lisboa 31 de março 1844.

J. M. L.

N.B. De propósito supprimimos da carta supra o nome, signaes, e morada d'esta infame; contentando-nos de lhe fazer por este modo conhecer, que o seu nefando projecto é já sabido, e que, se o consumir, poderá ser, que assim como já premonitoriamente o denunciaram á imprensa e á auctoridade, lh'o façam depois recair com todo o seu pêso sobre a cabeça. Bem nos doeria se a demora, que esta noticia teve em nos chegar ás mãos, podesse ter innocentemente corrido para se effectuar o maleficio.

### DIFFICULDADE DE ACHAR UMA SEPULTURA.

2830 Um dos dias da semana passada um official, natural de Lubeck, que fizera com D. Pedro a campanha do Porto, e n'ella perdêra um braço, desatinado, segundo se affirma, de pobreza e de ciumes, carregou uma pistola, encostou a coronha á parede do seu quarto, pôz o peito diante do cano; com um palito phosphorico chegou o fogo á escorva, e caiu morto.

Ao som da explosão (eram nove horas da noite) acudiram as patrulhas, o cabo da proxima guarda na travessa da *Queimada* e grande numero de visinhos. Entrando no quarto, que estava aberto, os soldados acharam o cadaver involto em chamas: o fogo lhe havia pegado no fato e consumido já uma parte d'elle.

Na sua algibeira havia ainda alguma polvera e uma caixa de phosphoros.

O seu consul, a quem se deu conta do successo, resistiu a fazel-o enterrar em cemiterio, por ser tal contra os saieidas a severidade, porventura muito humana e muito bem entendida, das leis da sua terra. O governo civil tão pouco se julgou auctorizado a fazer sepultar no campo sancto dos catholicos um lutherano.

Ignoramos ainda, o que a final se decidiria de despojo mortal d'este desgraçado.

#### ÍRIS NOCTURNO.

2831 QUINTA-FEIRA d'endoenças, ás nove e tres quartos da noite, viu-se n'esta cidade, para as bandas do poente, um formoso arco iris. Este phenomeno, não vulgar de noite, muito mais prendia os olhos pela sua grandeza e pelo brilhantismo das suas cores.

#### MARIA SEM SER MARIA.

N. B. Julgariamos defraudar a sciencia supprimindo a presente noticia. Offenderiamos porém a decencia publica se n'ella conservassemos, sem véu, os termos technicos. Obrigados d'estas duas rasões, publicámol-a, convertendo em latim algumas expressões, que aliás poderiam soar mal.

(Carta.)

2833 Um lavrador do lugar denominado Freixo concelho de Elvas, veio consultar-me no dia 18 do corrente á cerca d'um individuo, seu sobrinho, que elle e muitos moradores do lugar julgam hermaphrodito.

Entrando no exame do individuo, que tem de idade 14 annos, observei as seguintes anomalias: alguns pellos na face, indicando pouca barba; voz natural de maneebo; falta de peitos, formas exteriores, em geral, masculinas: *in pudendis vero nonnulla observatione digna conspiciuntur.*

*Cauda salax (ut aiunt)* tem uma polegada e algumas linhas de comprimento; grossura, em relação com a idade, contrastando por consequencia com aquelle; *pellis, que glandem tegit*, é tal a respeito de elasticidade, que não permite occultar a glande; ausencia ou falta absoluta de uretra, e consequentemente de abertura exterior d'este organo; *scrotum testisque omnino absunt*; devendo notar-se que fiz um exame minucioso nos anneis inguinaes, onde algumas vezes costumam occultar-se, e do qual não obtive resultado. *Rima parum profunda inferiorem penis partem occupat*, tendo origem no ponto central da glande e terminando no inter-femineo, onde se notam os orgãos seguintes: *circularis hiatus oblique posteriorem partem petens, in quo vix digitorum, minimi capit inseras*, e que parece estreitar á medida que se examina para o interior, e por onde se exerce a excreção da urina: sua organização *eadem est quam muliebres ubique indicant natura*: aos lados encontram-se dois corpos oblongos, espessos no centro, e de extremidades delgadas, simulando pela sua disposição, mais de que pelo tamanho, que, *ab anatomis, magna labia, nuncupantur.* Accresce a isto certa pusillanidade geral, pudor, *animus in rem venerem minime intentus, virgaque nequaquam irritabilis.*

Este caso pouco frequente entre nós, torna-se notavel ainda por uma circumstancia. Um ente tão inutil á sociedade, pelo que diz respeito á capacidade

de propagar a especie humana a que pertence, ao baptisar-se recebeu o nome de Maria, que conservou até ao dia 21 de setembro ultimo, de cuja epocha para cá deixou de o ter, sem que por ora haja recebido outro: seus vestidos foram, em consequencia, os de que entre nós usam as camponesas, e substituidos pelos de homem desde a mesma epocha; na qual o individuo julgou declarar-se pertencer ao sexo masculino, tendo-se observado desde muito tempo, que n'elle existia tendencia e naturalidade para trabalhos do campo, e negação absoluta para os domesticos.

Elvas 22 de março de 1844.

J. M. Desiderio Pacheco,

#### PEDREIDA.

2833 Com este titulo, saiu recentemente á luz um singular poema em dez cantos, cuja acção é o resgate de Portugal pelo Sr. D. Pedro. O seu actor, o Sr. José Martins Rua, não se havia ainda (que nós sabemos) feito conhecer como poeta. Seja-nos pois licito, para por nos os nossos leitores em estado, de por si mesmos julgarem a obra, occupar com algumas estancias d'ella uma parte da nossa folha: tomámol-as ao accaso.

Canto IV est. 1.<sup>o</sup>

Da meia noite já passava á vante,  
Em Lysia a mente PEDRO só fitava,  
Com espirito ardente, e vacilante  
Nas desgraças da patria meditava:  
Infortunios em monte cada instante  
Mente lhe suggeria, e apresentava;  
Coração seu partia-se em fatias,  
Vendo-se exposto a tantas tropelias.

Ibidem: est. 23 em diante.

A ancora levantar PEDRO então manda,  
Joanetes, gaviás dal-as logo ao vento,  
Despresando de cafres futil banda,  
Vociferal-os deixa-os a contento:  
Nos fortes já revoltos tudo anda;  
Desesperam do plano virulento;  
Os zefiros Fragata impellindo,  
O Pão d'assucar PEDRO deixa rindo.

Já Marineros o mar vão achanzando,  
Á liberal Argo aplainão a estrada,  
Ante a prèa já cantão, vão brincando  
Sobre a via d'azul 'scuro, e salgada:  
Da harmonia ao som já tudo encantando,  
Marujos criam ter nova morada;  
Adormecidos em um mar de rosas,  
Se esqueciam das mui caras esposas.

Chegam aos abrolhos com propicio vento,  
Piloto os astros examina, e observa;  
Do velho porto PEDRO de contento  
Manda dar, sem desfalque á reserva;  
Marinheirada toma um novo alento,  
Admirando licôr de tal conserva;  
Agradecem a PEDRO tal lembrança,  
Vivas soltando ao duque de Bragança,

Até á linha, ou mar do Sargago  
Vento rijo a Fragata impellia;  
Alli se tornou manso, brande, e escasso,  
Fragata poz-se em pura calmaria:  
Officiaes com voz forte qual d'acço,  
Ligeiros andar á marujaria  
Faziam; escolas, ou velas içando  
Joanetes, gaviás, v'lachos ferrando.

Rolando d'estibordo, já, a bombordo,  
Em cima do convez tudo andava;  
Qual os Phrygios outrera co'o rei Górho,  
Quando no throno assento elle tomava:  
Dos cabos trincadura, mesmo o morso,  
A manobra veloz desconcertava;  
Marinheiros já vião Libilina,  
Desprezavão, o que a arte lhes ensina.

Mas por Minerva Oéste instigado  
Termo pôr veio a tanta anciedade;  
Este reinante n'alto Mar salgado,  
Mui prompto obedeceu á Divindade:  
Fragata por caminho azulado  
Seguia já co'a mór celeridade;  
Um marinheiro péga então da linha,  
E o Piloto lançou ao Mar barquinha.

Os marujos de jubilo dançavão  
Propicio á viagem tendo o vento,  
E sobre a brevidade questionavão  
De tocarem o seu porto a salvamento:  
Aos Açores em breve elles chegavão,  
Indo a Fragata com tal seguimento;  
Mas Juno áperta, sempre meditante,  
Ligeira enviou a Filha de Thaumante.

Formosa, e rutilante no horizonte,  
Mui vivas côres ella apresentando,  
Formava arco da mais erguida ponte,  
Quanto Fragata s'ia ayezinhando;  
Nuvens de chuvasco em pinha, e em monte  
Junto do arco já s'ião agrupando,  
Quando rapido raio, e tripartido,  
Imminente mostrou o risco, e perigo.

Com negro véo, (opaco, denso, e escuro,)  
Da morte a Mãe Fragata encubriendo,  
Cognita via já por trilho obscuro  
Britanos nautas ião proseguindo:  
Furacão insperado, e prematuro,  
Fragata a soltas velas impellindo  
Derramar fez o mais amargo pranto;  
Gritavão a Thetis com um fervor santo.

A Abobeda azulada se toldando  
De nuvens, que o roxo inda mais sombrias,  
Fragata quasi s'indo soçobrando,  
A bordo eram já tudo gritarias:  
De toda a garte, sim, trovão roncando,  
E dos raios Etnéos fusilarias,  
Sangue a todos nas veias lhes coalhava,  
Vidas salvar ninguem esperançava.

Furacões, pedraceiras, e chuvascos,  
Gavias pondo partidas, e esgaçadas,  
Joanetes rotos, feitos mil pedaços,  
Os mastareos, e antenas desbratadas,  
Tudo estando posto em stilhas, retracos,  
As bordas falsas mesmo arrombadas;  
Fragata se suppunha o ir ao fundo,  
E immersa ser no Pélago profundo.

Da Caverna então Dom PEDRO lembrado,  
Nunca em si esperança esfriava,  
Sorte pondo nas diras leis do Fado,  
Só em Lysia continuo meditava:  
Já a Guerreira pensando ver ao lado.  
Ésta como por sonho lhe fallava.  
= Cessa, ó Gran' PEDRO, de estar tão afflieto,  
Vem d'um Deus escutar voz, brado, e grito. =

PEDRO á cuberta sóbe mui ligeiro;  
Mas que espectáculo então observa!  
Aqui atado vê um marinheiro  
Ás enxarcias, co' o frio as mãos esfrega:  
Alli já o expirante, e derradeiro  
Suspiro a outro vê dar, cauza a refrega  
D'Elementos! Sim quasi agonisarem  
Todos, desperançando o se salvarem.

Em mastros reaes, sem pannos, ou velas  
No convez tudo raso e sem defensas,  
Os marujos co' as faces amarellas,  
Pediam a Deus indulto das offensas;  
Mas á vista do Gran' PEDRO as procellas,  
(Furacões, pedraceiras, nuvens densas)  
Tudo s'accalmou; sómente rugião  
Ventos, que lá ao largo inda zupião.

Viu no cimo das ondas, não mui longe,  
Em coneheo carro, tridental a vara  
Na dextra, barbas, qual d'um velho monge,  
Corcovelando com voz forte, e amara,  
Decano veloz, qual bala do bronze  
Expedita, que a tudo ella separa,  
Tempestade, coriscos 'sconjurando,  
Com quasi rouca voz alto gritando.

Este de côr bastante escura, e bruno,  
Tendo um cinto de azul entre-bordado,  
Ninguem era senão o Deus Neptuno,  
Que impera em todo o largo mar salgado;  
Que movimento vendo importuno,  
No cimo do Imperio Azulado,  
Logo observar veio quem tal mandava;  
Sem ordem sua as ondas agitava.

Ligeiro á superficie subindo,  
Com Éolo de cara a cara dando,  
Este a fugir co' os ventos logo indo,  
Neptuno corre atraz d'elles gritando.  
= Com que ousadia está-se ora impedindo,  
A quem por meu concessão navegando  
Na superficie d'este meu Imperio,  
Ser vai executor d'alto mysterio?

Que petulância é esta? que arrojo?  
(Disse Neptuno) e desvergonhamento?  
Deixando de montanhas altas bojo,  
S'ultraja sem o meu consentimento,  
Lançar querendo em profundo fojo  
A quem dos Deuses é claro instrumento?  
Neptuno tantas coisas foi dizendo,  
Que impossivel é i-las descrevendo.

Os Ventos de Neptuno s'evadirão  
Com ligeireza tal, ou v'locidade,  
Que reprehensões poucas d'elle ouvirão,  
Por a fuga veloz, celeridade:  
Mas o peso das fallas bem sentirão,  
Pois ditas erão com severidade;  
Procurando elles logo o esconder-se,  
Nunca mais em seu Reino o intrrometer-se.

Na Fragata a este tempo já marujos  
Os mastareos, e as velas concertavão  
Com os fragmentos da reserva, cujos  
Sempre elles cautelosos conservavão:  
Desprezada a còr, mesmo estando sujos,  
Aqui, alli as velas remendavão;  
P'ra antennas lhes servindo d'atadura,  
Por escassear outra ligadura.

Como as nuvens delgadas se fam pondo,  
No ar um corpo negro divisarão  
Os marujos; e logo ao forte estrondo  
Da sua voz cabellos se arripiarão:  
Este fantasma, medo a tudo impondo.  
(Desde que fallas suas retumbarão,)  
Era a horrida e fea Escravidão,  
Que da Tyrannia é guia e pendão.

De algemas tinha as mãos bem recheadas;  
Eram raros, e mui alvos os seus dentes,  
Mui largas, e disformes as queixadas,  
Tendo os cabellos soltos, e pendentes  
Ao collo, mas co' as pontas carepades;  
No cimo da cabeça grandes pentes;  
Mui longos, e negros os seus braços,  
De cobre por anneis tendo pedaços.

O corpo era asqueroso, e nauseando,  
As pernas mui disformes e alongadas,  
Ora movendo-as, ora as estirando,  
Com as partes pudendas bem tapadas:  
Uma tanga trazia, assemelhando  
Em parte ás Africanas malfadadas,  
Que no poder dos Brasileiros cahem,  
Pois pudor virginal logo lhes trahem.

Esta é Filha espuria de Neptuno,  
E de Ceres, no Monte Elaio tida,  
Sem conhecida ser do Pai Saturno;  
Pois Ceres 'steve sempre alli retida,  
Té do parto chegar-lhe o importuno  
Movimento; que com isso fadiga  
Neptuno teve dira, e espantosa;  
Por cóp'la ter com Ceres, vergonhosa.

Como nos Ceus não pôde ter entrada,  
No Mundo aos Reis d'apoio ora lhes serve;  
Nos Ares, ou na Terra é sua estada:  
Seu coração em raiva lhe arde, e ferve  
Quando uma Nação vê libertada:  
Dos Despotas perfume ella recebe;  
Estes a adorão com finezas mil,  
Por incensar ao capiveiro vil.

Logo que corpo descobriu horrendo,  
Vaticinou as lides mais horriveis,  
Que no Porto com fim díro, e tremendo,  
A PEDRO lhe seriam infalliveis:  
Do desacato sem rubor pudendo,  
Só fins predestinando os mais terriveis,  
Os marujos de novo se espantavão,  
Pois que no tal discurso meditavão.

*Cant. VII Est. 2.ª*

Esta a cabeça tendo mui canhosa,  
Em tuberculos face, e todo o corpo,  
Lançava uma materia asquerosa  
Cheirando, qual á mezes corpo morto:  
Nauseando, voraz, fedentinhosa,  
Da semelhança humana feita aborto,  
Era a todos seu corpo tão horroroso,  
Qual figura hedionda de um leproso.

Já se vê, que nenhum curioso, que houver comprado este poema, chorará o dinheiro, que por elle deu.

#### UM DRAMA PORTUGUEZ.

2834 ACABA de sair dos prélos da typographia nacional, nitidamente impresso, o conhecido drama — O HOMEM DA MASCARA NEGRA, — pelo Sr. Mendes Leal Junior; bastantemente melhorado pelo seu auctor, do que era quando já no theatro o applaudiamos.

Acha-se á venda em casa do Sr. Rolland, na rua nova dos Martyres, abaixo do theatro de S. Carlos, n.º 3.

#### MILAGRES DO DIABO.

*(Carta.)*

2835 Os habitantes d'este concelho ainda creem, quasi todos em feiticarias!

Ha pouco um homem, vendo que sua consorte esgotára infructuosamente os soccorros ministrados pela medicina, cirurgia, e charlataria contra uma metrorrhagia de summa pertinacia, lembra-se de recorrer a uma famigerada feiticeira de Coimbra, para que lhe dissesse se alguém fazia mal a sua mulher, e quem. Ora; contra quem havia de recair o juizo da impostora? contra uma pobre mulher, ha pouco viuva, sem amparo nem consolação, a não ser uma pequenina creança, unica herança de seu marido.

Agora vamos ao resultado. O pateta pagou com bons pintos á feiticeira, e com pancadas á innocente, que de mais a mais é sua cunhada, e que se achava de cama, por ter, havia pouco, acabado de soffrer, pela quinta vez, a operação da paracentese, reclamada por uma ascite, ameaçando-a por fim com a morte, se não restituisse em breve a sua mulher a saude, de que a privou. Bem novo sou eu, mas são por aqui tantos os tolos, que conheço, de tal natureza, que lhe poderia apresentar d'elles uma extensa lista. Finalmente, cá os meus amigos, em tendo qualquer adversidade, que se não dissipe com promptidão, vão confiadamente consultar o oraculo de Coimbra, que tem de Poyares bem bom redito annual, e que não deixa de ser ave de mau agoiro pelas muitas pancadas e desavenças, que por cá motiva.

Isto deve acabar, ¿porém de que maneira? Fazendo as competentes anctoridades com que acabe a feiticeira, porque a credulidade popular por si é interminavel.

O sempre leitor, e assignante da sua importante Revista.

A. F. L.